

## O LADO FEMININO DA MULHER\*

Mani Álvares\*\*

A atenção voltada para o que é feminino, nesses últimos tempos, vem encontrando eco entre os psicanalistas, especialmente os lacanianos, talvez porque seja o feminino, por excelência, a grande questão da psicanálise. Aliás, esta teria sido a maior herança deixada por Freud, e repassada, por ele, próprio, aos poetas...

"Que ninguém entre aqui se não procura mulher..." frase que poderia estar inscrita na porta de todos os psicanalistas e citada num dos textos apresentados neste livro "...citada por Nicéas em um dos capítulos deste livro". Significa a própria busca do sujeito psicanalítico, cindido em dois e sob o efeito das representações que constituem.

Essas "aproximações" ao feminino foram organizadas em 2 partes, sendo que a primeira consta de um estudo sobre as metamorfoses da histeria, desde os gregos até nossos dias, através da visão histórica da autora. Já o segundo texto é uma apresentação crítica de pesquisas sobre os cultos afros no Brasil, a partir dos quais se desenvolve uma tese de que estes teriam constituído um campo exclusivamente de domínio da mulher.

Na segunda parte do livro, autores psicanalistas tratam o "enigma feminino" através de aproximações, com as quais tentam resgatar não só o feminino, mas a própria psicanálise, enquanto lugar da pergunta fundamental do sujeito sobre o seu sexo.

---

(\*) O Feminino: Aproximações, coletânea de artigos coordenada por Joel Birman e Carlos Augusto Nicéas, Ed. Campus, Rio de Janeiro, 1986.

(\*\*) Doutoranda - Faculdade de Filosofia - UNICAMP

Aliás, foi por ter levado esta pergunta até suas últimas conseqüências, por ter demonstrado através de espasmos, desmaios, paralisias, e convulsões que o corpo é um teatro onde se desenrola uma peça escrita nos bastidores do inconsciente, que a histérica se fez ouvir na história. Os gregos assinalaram seus ataques, interpretando-os como posse do demônio ou dos deuses; até bem recentemente (fins do séc.XIX) a histeria era vista como "doença de mulher", disfunções genitais, furor uterino, ninfomania. Os psiquiatras, atentos a uma possível origem neurológica do fenômeno, descreveram a histérica como uma doente mental.

No desenrolar da história das superstições, em que a mulher suportou o peso de todas as maldições possíveis, de bruxa a puta, foi preciso que surgisse um saber próprio para escutar a verdade que saía da boca da histérica, e que Freud foi o primeiro a ouvir com os ouvidos desse novo saber. Assim nasceu a psicanálise.

No texto que dá início ao livro, "A alma, a mulher, o sexo e o corpo", de Cladys Swain, se introduz o tema que permeia todo o livro, e que é a dificuldade em se encontrar uma essência para o desejo feminino, o específico da mulher, um significante que a defina. Nesta impossibilidade, que a histérica simboliza com o teatro de seu corpo, só existe uma certeza: "não há paz com a carne".

Neste inconciliável reside uma especificidade própria e paradoxal, e que no texto seguinte, de Patrícia Birman, "Seres que viram outros", se apresenta como a despossessão do corpo vivida nos terreiros de candomblé. A tese defendida por Ruth Landes em "A cidade das mulheres" e comentada pela autora, neste trabalho, é que os terreiros seriam um domínio de mulheres ou, mais especificamente, do feminino.

Isto porque o contato com os orixás se daria através da "possessão", e as mulheres, assim como os homossexuais, seriam naturalmente aptos a "virar o santo". Ao contrário, o homem "não vira" porque plenamente constituído, ele é senhor de si e de sua consciência. Já o homossexual, na medida em que "perde em nitidez e ganha em ambigüidade", pode incorporar espíritos e orixás.

Esta é a mesma idéia desenvolvida no trabalho anterior sobre a histeria, que mostra a mulher enquanto receptáculo de uma força que a arrebata, a expressão de uma verdade mais geral, e que somente nela se torna patente.

Na seqüência, o texto de Carlos Augusto Nicéas, "Primado do Falo e Castração Feminina", se apresenta como um marco esclarecedor das más leituras que se fizeram de Freud sobre a feminilidade, inclusive entre seus próprios seguidores. Neste texto o autor retoma a pergunta "o que quer uma mulher", sob o referencial da teoria de Freud, e refaz o percurso de sua investigação de 1905, quando ele escreveu seus ensaios sobre a sexualidade, até 1932, quando definitivamente reconheceu que era preciso esperar que novos conhecimentos trouxessem alguma luz sobre o "enigma" do sexo feminino. Ele havia esbarrado num "feminino inaceitável para ambos os sexos".

O que há de tão aterrador para que homens e mulheres rejeitem o lado mulher da sexualidade?

Uma das maiores críticas feitas à teoria freudiana era a sua referência ao falo como elemento de diferenciação sexual. Para ele, ambos, menino e menina, possuiriam um só referencial, que é o masculino. A diferenciação sexual só ocorreria a partir da castração, vivenciada diversamente por um outro sexo. Só na medida em que se afasta do falo, que não é o pênis, embora encontre nele seu avatar mais visível, a menina se debruçaria sobre sua falta (imaginariamente vivida como falta de um pênis) e encontraria o que há de específico em sua feminilidade. Freud se referia a uma insígnia, vivida como um estigma, e que a mulher traria inscrito no seu corpo como o símbolo vivo de uma falta, que não é da mulher mais o próprio "manque-à-être" da condição humana.

Nisso os críticos se equivocaram, porque partiram de uma equivalência que nunca houve: falo=pênis. O não-ter da mulher, segundo Freud, se inscreve na ordem do simbólico, embora seja vivido no imaginário de não-ter-um-pênis. Desse equívoco surgiram teorias, como a de Ernest Jones, também impelidas pelos protestos feministas, e que tentavam resgatar, para a mulher, a sua inteireza. Diferentemente de Freud, esses autores estavam centrados numa referência ao órgão, ao genital, e não à referência simbólica ao falo. Por isto se restringiam ao anatômi-

co, propondo uma diferença sexual inata entre os dois sexos. Isto significa que, a partir de dados biológicos e anatômicos próprios a cada sexo, haveria uma diferença sexual imediatamente dada.

A partir deste texto de Carlos Augusto Nicéas, fica patente a necessidade de se ler Freud por inteiro, especialmente no que toca a questão da mulher — e é a parte fundamental da psicanálise — para que se possa acompanhar todo o percurso freudiano. Nos três tempos da sexualidade feminina, há que se aprender o sinal de “menos” que marca a mulher com o estigma de um desinvestimento erótico em seu clitóris. No tempo do gozo fálico, com o sinal de “igual” ela se iguala ao homem em seu erotismo. Mas é só quando encontra a erogeneidade própria do gozo vaginal, que é um gozo do falo e para além do falo, é que a mulher atinge o “a mais” que suplanta e assombra o homem. É quando ela se torna diferente do homem.

Aliás, sobre essa questão do gozo da mulher, há o texto de Marie Claire Boons intitulado “A propósito do orgasmo”, onde se aponta para as diferenças estruturais entre os sexos. Longe de pretender uma classificação dos orgasmos, seja eles “clitoridianos ou vaginais, longos ou curtos, precoces ou tardios, solitários ou ‘a dois’, únicos ou múltiplos, difusos ou localizados”, qualquer que seja o tipo de gozo, enfim, o que isto tem a ver mesmo é com os significantes primeiros inscritos como uma marca no corpo.

Historicamente o orgasmo feminino sempre esteve sob a jurisdição do homem, seja através do imperativo “você não deve” ou do atualíssimo “você deve gozar”. A opressão continua vigorando, mas o ponto chave das reflexões da autora é que é justamente esse “a mais” do gozo da mulher o objeto da opressão feminina. É isto que é particularmente oprimido. Ou seja, a diferença.

E a partir desse ponto ela desenvolve uma interessantíssima explanação de como ocorre, estruturalmente, este processo, ou seja, de como se dá a figuração inconsciente de totalidade e de como a mulher escapa, pelo excesso, do gozo fálico masculino. E tudo isto tem a ver com o molde estrutural, que é a maneira pela qual os sexos apreendem simbolicamente sua anatomia. Do lado masculino, segundo a autora, haveria uma re-

lação metafórica entre pênis e esperma. O gozo do homem culmina numa metáfora fechada.

Do lado feminino haveria um deslizamento, sem relação com o todo. O gozo escorre, flui, deriva ao infinito de significante a significante. Isto é o que a autora chama de gozo em excesso. Um gozo metonímico.

Na sequência, Renato Mezan apresenta um estudo sobre a inveja, a castração e o narcisismo, a partir dos "ecos de uma sessão" em que uma paciente se faz objeto de uma singular contratransferência para o analista. Mais além da polêmica tese freudiana da "inveja do pênis", a inveja foi aqui mais brilhantemente tratada pelo autor, que juntou considerações de filósofos, de psicanalistas e finalizou com palavras de uma escritora, Clarice Lispector, sobre a inveja, que, aliás, dá o título ao estudo: O escuro dos olhos vacilou como um ouro."

Seria impossível delinear em poucas palavras a reflexão posta pelo autor. O que a mim particularmente tocou foi a idéia de inveja como um desejo de "reapropriação da onipotência perdida", por um lado; e, por outro, também como um estado de intensa angústia, na qual o que é desejado é também temido, porque a onipotência supõe uma anulação do intervalo, da diferença, das marcas da finitude e da castração. O objeto desejado, seja o seio, o pênis ou qualquer outro, funcionaria apenas como suporte da inveja, porque o que a inveja invejaria neles seria uma suposta capacidade de produzir um gozo infinito. Uma espécie de inundação de libido, onde sujeito e objeto se confundiriam no chamado "sentimento oceânico".

No último texto "A mulher fala" pela boca de Dinara G. Machado Guimarães, numa linguagem clara e precisa, onde os caminhos da diferenciação sexual, via Freud e Lacan, vão sendo delineados. Através de toques especiais, a autora vai reconstruindo um corpo de mulher, enquanto resíduo de um destino que se quer real porque simbólico. Nisto vão se resolvendo as críticas feitas a Freud por certas leituras demasiado rápidas. "É como ser de linguagem que o sujeito se estrutura sexualmente". Não é o corpo nem o órgão definidores de coisa alguma: "o falo é o marco, em torno do qual se processa toda essa operação" que nos faz homens ou mulheres.

A autora "conclui o inconcluso", acenando para um desejo, de humanização das relações a partir da "travessia do imaginário ao simbólico", fonte inesgotável de outras representações possíveis. Não é a isto que interpela, sem cessar, um desejo de feminização do mundo?